

GLOBALIZAÇÃO, TÉCNICA, TEORIA E EXPERIÊNCIA EM MILTON SANTOS

Nedy Bianca M. de Albuquerque*

Corrêa Leite, José; Carvalho, Mônica de e Seabra, Odette. *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2000.

Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos, de José Côrrea Leite, Odette Seabra e Mônica de Carvalho, foi uma das obras lançadas em 2000, pela Fundação Perseu Abramo. O livro é resultado de dez horas de interlocução entre o jornalista, as professoras e um dos maiores expoentes da intelectualidade brasileira, o geógrafo Milton Santos. Ao longo do texto, que foi estruturado em duas partes, o professor Santos discorre acerca de globalitarismo, teoria, técnica e testemunho de vida.

Em “Território da vida”, esse baiano nascido em 1926, na cidade de Brotas de Macaúba, conta um pouco da infância como interno em Salvador – que ele denomina seu “primeiro exílio”; da formação ginásial recebida como bacharel em ciências e letras; do enigma baiano; de sua participação no movimento estudantil durante a primeira presidência de Vargas. Discorre ainda a respeito do período em que cursou Direito; do modo como descobriu a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB); de sua atuação jornalística; de seu papel na sociedade baiana na década de 1950; das relações com os governos de Jânio e Jango; dos atritos e das aproximações com o Partido Comunista.

Nessa etapa do texto o professor Santos fala também da “temporada na prisão”, em 1964; de sua nomeação como professor na França – o que lhe permitiu sair do país durante a ditadura, regressando somente em 1978. Além de relatar suas andanças pelo mundo e refletir acerca da experiência como professor no MIT (EUA), em Toronto, na Venezuela, no Peru, em Londres, na Tanzânia, em Colúmbia (Nova York) e da decisão de retornar ao Brasil.

Conversando sobre o trabalho nas instituições de ensino superior em nosso país, o geógrafo afirma estar cada vez mais convicto de que a academia é o impreterível início

do discurso político. Ele também atesta a compatibilidade existente entre “a vida acadêmica e a vaidade”, já que, de certa maneira, a última, sendo bem dosada, torna-se construtiva na medida em que impulsiona o desenvolvimento da primeira. Contudo, mostra-se descontente quanto aos caminhos da pesquisa e do pensar a realidade brasileira.

Por sua vez, em “Território da geografia”, o célebre baiano afirma que “a globalização conseguiu materializar a metafísica, mediante o papel desempenhado pela ciência e pela técnica na produção das coisas”. Caracteriza uma “materialização física e uma realização primitiva, embora sofisticada, da ideologia”. Em seu entender, tudo ao nosso redor tem forte cunho ideológico, não obstante atestar-se o contrário, ocorrendo, ainda, a desqualificação de “qualquer discussão que indique ser aquilo ideológico”. Assim, a globalização se assemelha a um regime totalitário, uma vez que seu exercício suprime a democracia. Esse “globalitarismo” é um chamado à ordem estabelecida e, por conseguinte, um apelo à obediência.

No entanto, por compreender o trabalho intelectual como uma atividade crítica, o professor Milton Santos rebela-se e opõe-se à fábula da “aldeia global”, que é o discurso balizador da globalização, sem o qual a mesma não se manteria. Essa fala serve para exaltar a efetiva situação mundial e ocultar seus aspectos maléficos. Como exemplos disso tem-se o questionamento do procedimento atual do governo brasileiro, bem como o apoio que este tem recebido dos meios de comunicação, além da crise interna norte-americana, que se expressa pelo empobrecimento e pelo “retrocesso sociopolítico” daquela sociedade.

Para o geógrafo, outra fábula é a flexibilidade do sistema, porque, graças à rigidez da normatização da aplicabilidade das técnicas em função do dinheiro, as relações dominantes nunca haviam sido tão implacáveis. Todavia, ele acredita que tal rigorosidade esteja condenada ao fracasso. E, justamente, devido ao caráter frágil da globalização, as atenções mundiais voltam-se para o controle das políticas interna e externa brasileira.

Quando indagado em relação à ecologia e à natureza, Milton Santos afirma que a última é “um valor”, embora não seja “natural no processo histórico”, mas, sim, “social”. Assim, o valor da natureza é relativo à “escala de valores estabelecida pela sociedade para aqueles bens que antes eram chamados naturais”. De tal forma que a natureza se insere no processo de globalização, sendo “globalizada pelo conhecimento e pelo uso e tão social como o trabalho, o capital, a política.”

Em relação à ecologia, o emérito docente confessa seu receio quanto ao seu possível uso favorável à alienação política, como elemento para a formação de um juízo de

cunho ideológico na construção dos pontos negativos da globalização. Juízo esse validado na simplificação da questão ambiental pela idéia de “boa natureza” e pela criação de ONG’s voltadas tão-somente à condução da juventude à máxima exaltação da natureza, sem questionamentos criteriosos acerca disso.

Outro ponto de preocupação é com a “eco-histeria”, na medida em que isso vem corroborar com a destruição da idéia “do que é o mundo”, além de conduzir a atribuição de excessiva importância à “natureza natural” – que de seu ponto de vista é algo já inexistente. Daí posicionar-se contrariamente ao entendimento de que a preservação tome contornos “religiosos”, de fanatismo, relegando o debate ao esquecimento. No tocante à reflexão em torno do uso dos chamados recursos naturais, o geógrafo fomenta a polêmica, ao alegar que “os recursos naturais... se são naturais não são recursos, e para serem recursos têm de ser sociais”.

Ao responder ao questionamento da professora Odette Seabra, quanto à perspectiva de planejamento socioambiental, o geógrafo diz que, momentaneamente, tal tarefa é inviável em nosso país, visto que couberam às empresas as regulações, as relações de subordinação do território. Assim a situação social do país dá-se a conhecer através do território. E o território é definido como um conceito somente aplicável em um exame social, caso esteja relacionado com os atores que dele fazem uso. Nesse sentido, com a globalização sua influência é ampliada. Ao considerar “o território socialmente utilizado como o principal elo social em um país”, o professor Santos atesta que o processo globalizatório está comprometido, pois já no caso brasileiro é perceptível o ato de instituir a desorganização no país.

Ainda quanto à globalização, somos lembrados de que a sua idealização é antiga, porém sua realização só ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, quando então teve-se uma junção de novas condições técnicas e políticas. Também em virtude disso, “a mais-valia se torna globalizada”. Muito embora não exista exatamente um dito “mercado global”, já que “a inteligência e o exercício do trabalho global” são controlados por algumas poucas empresas e instituições financeiras. Tem-se a potencialização de mais lucro em um menor espaço de tempo, o aceleração da rotatividade do capital em termos globais, bem como o afastamento do Estado da regulação econômica. Dando margem para que o mercado intervenha por intermédio das “empresas, ONG’s e terceiros setores”, na regulação e na elaboração da política, tendo como força de difusão da globalização a informação. No entanto, o professor distinguiu três tipos de países no tocante à postura adotada diante globalização: de um lado, parte da Europa e os Estados

Unidos, como países que se negam a aceitá-la plenamente; de outro, a China e a Índia, países que se negam a aceitá-la por completo; e, por fim, um grupo de países que não pode ao menos pensar em aceitá-la, porque não tem como assentir com isto.

Pela discussão acerca da importância e da neutralidade das técnicas, bem como a hegemonização das mesmas, somos remetidos, então, aos aspectos já abordados pelo geógrafo em seu *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*.¹ As técnicas são consideradas condicionantes do trabalho, uma vez que elas são – no seu modo de entender – autorizações para o “fazer”, ao passo que “o trabalho é um fazer”, composto por parcelas de técnica e política.

Compreender o “uso da técnica” torna-se imprescindível para lapidarmos “nossa situação”, bem como “nossa condição cidadã”, já que, segundo o professor Santos, o “território acaba sendo o grande instrumento de renovação do marxismo”, pois é nele que se agrupam as condições necessárias tanto para produção quanto para o trabalho. Ainda fazendo referência ao marxismo, lembra que, ao modificar apenas “um ponto” com a finalidade única de melhorá-lo, sem considerar toda a estrutura, torna-se pior todo o conjunto. Assim “quanto mais o país é aberto, mais desordem é criada. E mais necessita de regulação, isto é, de Estado”.

A teoria, para o singular entrevistado, é “uma produção social datada, o que significa que as grandes mudanças históricas ferem mortalmente os conceitos vigentes”. Contudo, na datação da teoria reside sua eficácia política. Entretanto, com o desenrolar da história, “novos saberes” são constituídos. Então, pela não eternização da teoria, ela pode constituir-se como crítica.

E a crítica, por sua vez, “é a apropriação, na idéia, da história que na realidade está sendo feita e da que pode ser feita, opondo-se a um entendimento a-histórico, porque já passado ou abstrato, de uma realidade que se renova”. De maneira tal que o ato de teorizar supõe anteriormente uma utopia, e excluí-la é empobrecer o intelecto, bem como a ética e o senso estético.

Interpelado sobre a diferenciação entre disciplina e metadisciplina, esse docente da USP alegou que a distinção entre ambas se constitui pela relação delas com o mundo. No primeiro caso, tem-se por intermédio do mundo o contato entre uma disciplina e as demais, bem como o(s) processo(s) que as alteram. Ao passo que pela inserção “do mundo dentro de uma disciplina, e dele fazer a inspiração-mãe”, tem-se a metadisciplina. Por isso a interdisciplinaridade vincula-se à metadisciplina, já que ela é definida pelo entrevistado como “a filosofia particular a cada disciplina que lhe permite conversar

com as outras”. E a partir dessa compreensão, a geografia tem se voltado não somente para a descrição do mundo – função em que tem perdido espaço para a mídia –, mas também para a sua interpretação.

Respondendo indagações sobre campo e cidade, o professor Santos adentrou temas como a Reforma Agrária, movimento dos Sem-Terra, pobres e ruptura. Para ele, a questão agrária deve estar inserida em um projeto nacional, não podendo ou devendo ser cuidada isoladamente. E dessa ótica do entrevistado, salvo em alguns lugares do país, o MST é um movimento urbano – a exemplo do que ocorre em São Paulo, onde são poucas as áreas consideradas rurais. O que, de modo algum, invalida a importância do movimento como elemento de desacordo e contestação da ordem social vigente no Brasil. Quanto à cidade, o geógrafo afirma que o meio urbano é multidimensional, e é o lugar por excelência das formas de comunicação, solidarização e manifestações de resistência cultural dos pobres, proporcionando-lhes possibilidades de ruptura da vigente realidade política, econômica e social.

Ler esse texto de Corrêa Leite, Seabra e Carvalho é uma grande oportunidade, não apenas de entender um pouco mais das obras de Milton Santos. A partir das reflexões acerca das experiências de vida desse emérito professor, podemos mergulhar com mais perspicácia nos seus trabalhos e em sua leitura da realidade mundial. Além da perspectiva de termos contato com uma interpretação não ufanista, mas crítica dos efeitos da globalização, da mistificação da natureza e da ecologia. Num momento em que cada vez mais essas temáticas invadem o nosso cotidiano, tornando-se fatores justificadores para todos e quaisquer atos e ritos. Conhecer *Território e sociedade: entrevista com Milton Santos* é algo bastante profícuo para o entendimento das relações de força e poder que têm se estabelecido no mundo contemporâneo.

Notas

* Mestranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹ Santos, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2ª ed., São Paulo, Hucitec, 1997.